

ELEMENTOS DA HISTÓRIA DA ANTEAG *ANTEAG'S HISTORY*

Candido Giraldez VIEITEZ¹
Neusa Maria DAL RI²

A Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária (ANTEAG) foi criada no ano de 1994 com os objetivos de representar e assessorar as empresas industriais de autogestão que estavam se formando na época e, também, para impulsionar a formação de novas.

A Associação emergiu como parte de um processo de autonomização do trabalho, que ocorre tanto em nível nacional como internacional a partir dos anos de 1980, e que consiste na associação de trabalhadores em empreendimentos econômicos próprios. Grande parte desses empreendimentos aparece em forma de cooperativas que se estruturam de acordo com os princípios da Aliança Cooperativa Internacional (ACI).

A maior parte das empresas da ANTEAG também adquiriu a forma jurídica de cooperativa. Contudo, originariamente a Associação e suas empresas distinguiram-se do cooperativismo tradicional, principalmente pela postulação do princípio autogestionário. A diferença fundamental encontra-se no fato de que no cooperativismo tradicional as cooperativas são dirigidas por uma diretoria eleita, enquanto que as empresas de autogestão propõem a direção coletiva pelo conjunto dos trabalhadores.

Além da autogestão, há dois outros elementos que diferenciavam a ANTEAG do cooperativismo, quais sejam: o caráter de produção industrial das empresas e a ênfase dada à educação autogestionária dos associados.

¹ Professor Assistente Doutor do Programa de Pós-graduação em Educação da FFC, UNESP.

² Professora Livre-docente do Departamento de Administração e Supervisão Escolar, FFC, UNESP, Campus de Marília.

A seguir, apresentaremos trechos de entrevistas realizadas no ano de 2004 com os principais dirigentes e fundadores da ANTEAG. Essas passagens dizem respeito a alguns tópicos relevantes da história da Anteag, mas, sobretudo, aos acontecimentos que deram origem à sua criação.

As pessoas que lideraram a formação da Anteag eram ativistas ou quadros do movimento sindical os quais experimentaram as fricções internas do Movimento.

“As pessoas todas que estavam na Anteag, todas elas com atuação sindical, progressistas, democratas, etc”.³

Vim para São Paulo trabalhar com a Isabel, nos [sindicato dos] químicos. Tava toda a patota aqui. A Isabel falava façam, mas sempre me avise pra não complicar. Compraram um sítio para fazer formação sindical. Iam mulheres e operários, crianças, etc. Começou a dar resultado. Essa é a organização pela base. Nossos assessores não estavam preocupados com a eleição. E eles [a vertente concorrente] estavam preocupados com a eleição. Perdemos as eleições. Entrou outro grupo no sindicato. Nós fomos suspensos do sindicato. Ficamos 45 dias em casa, sem fazer nada.⁴

A Anteag é formada em uma conjuntura na qual o início da aplicação das políticas neoliberais pelo governo Collor criou problemas imediatos para o funcionamento de inúmeras indústrias.

Foi nesta época que houve quebraadeiras com o plano Collor. O Jorginho dos sapateiros de Franca disse: está quebrando fábrica. O que podemos fazer? Vamos fazer uma coisa diferente? A Makerli ia fechar. Tem quatrocentos e tantos operários. Fomos negociar para comprar a fábrica deles. Montamos uma associação de trabalhadores. Fomos no Banespa e o pessoal começou a dar risada. Resolvemos ocupar o Banespa. Em poucas horas saiu o financiamento. Aí começamos a aprender o que é gerenciar uma fábrica. O Jorginho do DIESSE trouxe um monte de material dos ESOPs [Employee Stocks Ownership Plans] dos Estados Unidos. Começamos a estudar isso. Fábricas coletivas. Começamos a fazer isso na Makerli com todos os erros possíveis. Os *inteligentes* assumiram e acabou nada dando certo.⁵

³ Marilena Nakano, ex-dirigente e técnica da Anteag.

⁴ Aparecido Faria, ex-dirigente e técnico da Anteag.

⁵ Aparecido Faria, ex-dirigente e técnico da Anteag.

A experiência pioneira com a fábrica de calçados Makerli levou os dirigentes envolvidos a promoverem a organização e expansão do modelo de autogestão.

Surgiu a idéia de fazer algo na fábrica Cobertores Paraíba. Surgiu com a Hidrophoenix, em Sorocaba, São Paulo. No Rio com a Olivetti. Depois a Facit em Juiz de Fora, Minas Gerais. Tinha a Cooperminas, em Santa Catarina, que já era uma experiência tradicional. Em 1993, chegamos à conclusão de que não dava para tocar empresa por empresa individualmente. Eram duas ou três pessoas. O meu salário era coberto por uma fábrica em Aracaju, Sergipe. O empresário ia fechar a unidade de Vila Romana, em Aracajú. Por que não fazer a experiência de São Paulo? ⁶

Diante dessas experiências e da constatação de que pessoas trabalhando isoladamente não conseguiriam assessorar a transformação de várias empresas falimentares em autogestionárias, surgiu a necessidade de criação de uma entidade para representação e assessorar os empreendimentos.

Chegamos à conclusão que precisávamos montar uma entidade que represente isso. Foi aí que montamos a Anteag. Fizemos um seminário com 25, 30 pessoas. Estavam o Jorginho, o ministro Rossetto, o Mercadante, Oscar do BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social]. A história da Anteag começou aí, voltada para as empresas de produção industrial. Fomos trazendo algumas pessoas. A Marilena Nakano que foi indicada pelo Pestana. Como a Marilena era cunhada do Betinho, ele pôde dar uma mão pra gente. Fomos discutir com ele a possibilidade de discutir com o governo Federal o apoio a nós. Ele marcou com o ministro no Rio para discutir coisas do IBASE [Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas]. Mas no fundo era para discutir com a gente. Os secretários estão aí e encaminhe com eles. Daí saiu uns 600 mil reais para Anteag que foi uma fortuna e nos quebrou o galho. Permitiu certa atividade. Esse recurso acabou. Depois veio através da Coope [Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares do Programa de Pós-graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro] e Unitrabalho [Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho] [...] ⁷

A designação da Associação, bem como das novas fábricas de trabalhadores associados com o termo de *autogestão* foi tanto um

⁶ Aparecido Faria, ex-dirigente e técnico da Anteag.

⁷ Aparecido Faria, ex-dirigente e técnico da Anteag.

problema quanto um objeto de reflexão e pesquisa para os dirigentes fundadores da entidade. Na época de constituição da ANTEAG, o cooperativismo influente no Brasil era o dos capitalistas agrários. As cooperativas de trabalhadores eram pouco conhecidas e o cooperativismo de trabalhadores industriais não contava com mais de dois ou três exemplos. Por outro lado, a autogestão tampouco tinha ascendência na história do movimento operário e popular brasileiro, não tendo qualquer peso nas pautas programáticas de partidos e sindicatos. No entanto, a partir de meados de 1970, o movimento operário emergiu novamente em luta aberta contra a ditadura militar e uma das idéias-força que o Movimento engendrou, em oposição a práticas tradicionais, foi a de que a organização dos trabalhadores deveria atribuir às suas bases um papel protagonista, idéia esta que as organizações clássicas não contemplavam. É possível que esta idéia, que foi derrotada nas re-configurações sindicais e partidárias pós-ditadura, mas que veio a ter um lugar estratégico na organização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), encontrava-se na raiz da opção que a Anteag fez pela autogestão.

Autogestão. Havia uma certa ressalva porque lembrava Iugoslávia. E cooperativas era pior. Eu e alguns companheiros começamos a estudar um pouco Proudhon, Owen Fourier, Saint Simont, Louis Blanc. Estudamos para acertar o mal estar que tinha a palavra. Estudamos também Marx, mas tinha pouco de autogestão em Marx. E Lênin, não se tocava muito nisso. Em Lênin o poder era do Partido.⁸

Desde os seus primórdios, a Anteag esteve preocupada com a educação dos trabalhadores autogestionários. Esta característica acentuou-se a partir da atuação da educadora Marilena Nakano, responsável pelo setor de educação da ANTEAG, que se empenhou em incluir os trabalhadores de *chão de fábrica* nas atividades educacionais, particularmente por meio do curso intitulado *Bolsas Autogestionárias*.

A Anteag privilegiou o trabalho de educação. Sem dinheiro [...] Ter que ir para Santa Catarina, Minas, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, interior de São Paulo. Era uma coisa muito grande para tão poucos recursos. Privilegiou preparar o material.

Implementou dois programas: as bolsas autogestionárias e os MBAs.

Andei muito pelas empresas tentando captar quais as questões importantes. O material passava pela equipe toda que

⁸ Aparecido Faria, ex-dirigente e técnico da Anteag.

referendava. Cada empresa podia utilizar como quisesse. É o que mais gosto do trabalho na Anteag. O MBA foi muito professora de escola. Foi pouco efetivo para as empresas. Pensamos numa estrutura, definimos a temática, pegou em pontos que eram importantes de serem aprofundados. A idéia era de que à medida que pudéssemos ir para as empresas trabalhar com essas cartilhas lá a gente escolhia como era melhor trabalhar. Cada uma das cartilhas levava umas de oito horas de trabalho. Dependia um pouco da fábrica. Às vezes trabalhava uma cartilha só. Variava muito. Quase todas as empresas passaram por esse material.⁹

Em 1999, a Anteag, especialmente por intermédio de atividades desenvolvidas no Rio Grande do Sul, passou a trabalhar também com empreendimentos não indústrias.

A partir de 1999, a maior parte da Anteag estava no Rio Grande do Sul. Passamos a trabalhar também com cooperativas populares. A partir de dezembro de 1999, a maior parte da Anteag estava trabalhando no Rio Grande do Sul. Convênio com governo. Começou bem e terminou mal. A estrutura que tinha no Rio Grande do Sul acabou. Tem empresas lá, mas [...]. O governo dividiu o Estado. Cobrir o Estado. Tinha mais de 70 técnicos. Os técnicos ocupavam espaços da Prefeitura. À medida que o Olívio saiu tudo isso acabou.

[...]

Porque tinha convênios com a Finep [Financiadora de Estudos e Projetos] que pagava os técnicos, recursos do FAT [Fundo de Amparo ao Trabalhador] com projetos. Aí tínhamos que trabalhar com um programa de governo. Tínhamos que incubar empreendimentos. Tem que ser assessoria. Durante dois anos quase enlouquecemos. A partir desse convênio com o Rio Grande do Sul [...] foi lá que se teve a idéia de criar um Grupo de Trabalho de economia solidária.¹⁰

Seguindo a trilha iniciada pela Anteag, posteriormente outras organizações passaram a trabalhar com empreendimentos industriais de trabalho associado e a estimular o seu desenvolvimento. Entretanto, tudo indica que os números otimistas originariamente estimados quanto ao crescimento deste setor não se verificaram. De qualquer modo, a partir de 2004, a Anteag afrouxando o seu original

⁹ Marilena Nakano, ex-dirigente e técnica da Anteag.

¹⁰ Luiz Humberto Verardo e Cátia Costa, dirigentes e técnicos da Anteag.

VIEITEZ, C. G.; DAL RI, N. M.

enfoque centrado na indústria e na autogestão, praticamente passou a integrar o campo da denominada economia solidária, a qual apresenta como uma de suas características um leque muito mais amplo e heteróclito de formas de organização.

VIEITEZ, C. G.; DAL RI, N. M. ANTEAG's history. *Revista ORG & DEMO* (Marília), v.5, n.2, p. 267-272, 2004.